

# COVID-19 e a crise da ordem liberal: aceleração do tempo histórico e mundo pós-ocidental

Erik Herejk Ribeiro<sup>1</sup>  
Carlos Renato Ungaretti<sup>2</sup>

191

**Resumo:** O estudo analisa os impactos da pandemia da COVID-19 sobre a ordem hegemônica dos Estados Unidos na perspectiva da Economia Política Internacional. Argumenta-se que a crise atual acelera tendências de longo prazo, marcadas pela transição sistêmica do capitalismo histórico. As dinâmicas de crescimento desigual apontam para o ressurgimento do Leste Asiático, em particular a China, como pólo dinâmico da economia mundial. Apresenta-se a evolução da ordem liberal e o processo de erosão pós-crise de 2008, debatendo a emergência de novos desafios e modelos alternativos à agenda tradicional de globalização. Argumenta-se que o momento de desordem precede a pandemia e significa um ponto de choque entre diferentes estágios históricos de acumulação de capital. As diferentes reações à crise da COVID-19 representam sintomas de modelos distintos de economia política, que ficam evidentes no contraste entre a financeirização pós-industrial dos Estados Unidos e o desenvolvimento sinérgico do capitalismo produtivo no Leste Asiático. O estudo aponta que a resposta unilateral do governo Trump e o relativo sucesso dos países asiáticos à COVID-19 aceleram dois processos simultâneos: o declínio hegemônico dos Estados Unidos e a busca da China em apresentar alternativas para a construção da ordem pós-Occidental.

**Palavras-chave:** Crescimento Desigual; Ordem Liberal; Transição Hegemônica; Mundo Pós-Occidental; COVID-19.

<sup>1</sup>Senior Fellow no Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE) e Doutor em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [erik\\_ribeiro@yahoo.com.br](mailto:erik_ribeiro@yahoo.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3238-4972>

<sup>2</sup>Mestrando em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS) e pesquisador associado do ISAPE e do NEBRICS-UFRGS. E-mail: [renato.ungaretti94@gmail.com](mailto:renato.ungaretti94@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1599-2941>

## 1. Introdução

Historicamente, grandes crises são catalisadoras de mudanças sociais, produtivas e tecnológicas. Gestadas lentamente na antiga ordem social, as crises geram rupturas e a emergência de um novo status quo (CUNHA, 2020). Diante dos impactos globais da pandemia da COVID-19, analistas têm refletido se o momento atual seria um evento histórico de potencial ruptura (TISDALL, 2020).

O estudo atual busca contribuir para o debate sobre transformações sistêmicas a partir do campo da Economia Política Internacional (EPI). Considera-se que a erosão hegemônica e a erosão da ordem internacional são processos históricos autônomos, mas correlatos. Seguindo a leitura de Gilpin (1981), a ordem construída por uma oligarquia de Estados passa por ciclos de expansão, consolidação e declínio. Conforme as potências hegemônicas declinam e competidores emergem, ocorre a desconexão entre a realidade de poder e a ordem vigente. Essas contradições levam a períodos de crise aguda e, frequentemente, a guerras centrais de transição hegemônica<sup>3</sup>.

192

Embora a erosão da hegemonia dos EUA e da ordem liberal tenha raízes ainda na década de 1970, o aumento da desordem e a construção de alternativas são eventos recentes. Por isso, o foco do estudo encontra-se no período pós- crise de 2008 até a conjuntura atual. Considera-se que o momento atual é na verdade um retorno do mundo não-ocidental, pois China e Índia eram historicamente as principais potências geopolíticas e econômicas no primeiro e segundo milênio, apenas perdendo sua posição relativa a partir do Século XIX (ANIEVAS; NISANCIOGLU, 2015). Argumenta-se, nesse sentido, que a crise do coronavírus tem acelerado tendências sistêmicas anteriores de transição de poder do eixo Atlântico Norte para a Ásia (STUENKEL, 2020; FIORI, 2020).

A hipótese de choque e aceleração do tempo histórico é testada a partir de três variáveis: a) Mudança das capacidades econômicas e institucionais dos Estados Unidos e da China como principal competidor; b) o declínio da influência estadunidense e a “ascensão do resto”, com foco no *cluster* do Leste Asiático<sup>4</sup>; c) a

---

<sup>3</sup>Guerra central é compreendida como um confronto armado de larga escala entre as principais potências do Sistema Internacional.

<sup>4</sup>Entende-se por *cluster* o arranjo regional sinérgico entre cadeias comerciais, produtivas e de investimento.

crise e desconstrução da ordem liberal, um processo que se origina ainda na década de 1970 e se acentua a partir de 2008.

Argumenta-se que a crise da COVID-19 reforça o processo de transição hegemônica, a tendência de desordem internacional e a consolidação da Ásia como novo pólo dinâmico da economia política global. Conforme os Estados Unidos perdem capacidade de mobilização de capital e coordenação institucional, a China avança seu modelo de capitalismo tecnocrático e desenvolvimentista. O deslocamento do capital produtivo e da riqueza para o Leste Asiático aumenta sua influência, gerando novas geometrias comerciais e financeiras. Este processo erode os pilares da ordem liberal internacional, como as instituições de Bretton Woods e o padrão dólar em velocidades distintas. Devido à lentidão dos mecanismos de acomodação por parte dos Estados Unidos e das potências ocidentais, a China lidera a construção de normas e instituições alternativas, onde seu poder econômico se difunde com maior facilidade e velocidade. Com efeito, desdobra-se um cenário marcado pelo choque entre diferentes estágios históricos de acumulação de capital.

193

O estudo se divide em três seções, além da introdução e conclusão. A seção dois traz o debate da EPI sobre mudança sistêmica e o papel de choques estruturais na aceleração de processos históricos. A seção três mostra a evolução e crise da hegemonia estadunidense e da ordem liberal, comparando as dinâmicas entre os modelos de desenvolvimento dos EUA e do Leste Asiático, em particular a experiência chinesa. A seção quatro apresenta a crise da COVID-19, seus efeitos catalisadores sobre o declínio estadunidense e a nova desordem internacional. A conclusão apresenta os resultados principais da pesquisa e avança questões para a análise do mundo pós-COVID e pós-Occidental.

## **2. Mudança sistêmica, crise e aceleração do tempo histórico**

Ao longo das últimas décadas, as falhas nas teorias estruturais de Relações Internacionais (RI) (neorrealismo e neoliberalismo) em explicar mudanças sistêmicas levaram a debates sobre processos de construção histórica. A principal crítica a essas teorias *mainstream* é sua interpretação da história, seja em forma de “cronofetichismo” (as leis da política internacional tornam a história imutável), ou

como “tempocentrismo” (a história é uma sucessão de ciclos imutáveis). Outro ponto importante é a separação hermética do estudo da política internacional e doméstica, devido a suas diferentes formas de organização institucional (anarquia e hierarquia) (HOBSON; LAWSON; ROSENBERG, 2010).

Um terceiro elemento de crítica é a relegação do poder produtivo e das relações econômicas como fatores secundários, auxiliares ou mesmo externos à competição política (ROSENBERG, 2013). Da mesma forma, o desenvolvimento intelectual da disciplina de Relações Internacionais está intrinsecamente ligada às experiências ocidentais de expansão geográfica (colonização) e competição militar sob balanças de poder. Estas duas particularidades são tomadas por teorias estruturais como universais na construção histórica da estrutura do sistema, embora a experiência asiática pré e pós-colonial seja distinta (KANG, 2007). Conforme argumentam Anievas e Nisancioglu (2015), a própria evolução do capitalismo europeu não se deu como processo fechado, mas resultou das dinâmicas de absorção, emulação e expansão de tecnologias difundidas por outras civilizações.

194

A análise dos sistemas internacionais como processos de construção histórica tem raízes em várias matizes teóricas. No campo da EPI, destacam-se o Realismo gilpiniano, as visões gramscianas sobre o capitalismo histórico e o emergente programa de pesquisa do Desenvolvimento Desigual e Combinado (DDC). Existem três pontos de convergência entre essas correntes: a) a dinâmica de ascensão e declínio de potências hegemônicas leva à reorganização da competição interestatal e da ordem internacional; b) o principal mecanismo de mudança são as taxas desiguais de crescimento entre nações; c) o controle político dos processos de acumulação e difusão de capital é o lastro material da hegemonia internacional (GILPIN, 1981; COX, 1983; ARRIGHI, 2000; ROSENBERG, 2013; ANIEVAS; NISANCIOGLU, 2015).

O estudo atual utiliza dois conceitos chave para explicar o declínio relativo estadunidense e a mudança sistêmica: Ordem Hegemônica (OH) e a Lei do Crescimento Desigual (LCD). Enquanto a OH explica os mecanismos que sustentam a hegemonia, a LCD representa a dinâmica dos ciclos de expansão, equilíbrio e queda de sistemas.

A hegemonia é uma forma de governança hierárquica da ordem internacional, obtida pela combinação de coerção e consenso. A governança depende de três elementos principais: a) distribuição de poder e capacidade de expansão política e econômica; b) autoridade relacional (prestígio ou influência); c) construção das regras do Sistema. Em outras palavras, uma OH depende de grande superioridade de poder e disposição de uma potência em exercer liderança e da probabilidade de que suas demandas sejam atendidas por outros países. Esses países geralmente aceitam a OH por vários fatores complementares: as incertezas de uma ordem instável, o provimento de bens públicos (segurança, regimes internacionais), ideologias legitimadoras ou subordinação de elites nacionais a interesses externos (GILPIN, 1981; LAKE, 2014; KIRSHNER, 2014).

195 Segundo Gilpin (1981), a Lei do Crescimento Desigual possui três características principais: a) a lei dos rendimentos decrescentes; b) resistência de elites nacionais à inovação, pressão por aumento do consumo e redução do investimento; c) difusão tecnológica internacional. Conforme a leitura de Lake (2014: 63), Estados rivais em ascensão beneficiam-se das “vantagens do atraso” temporal em relação à potência hegemônica: eles possuem baixos custos de expansão (doméstica e externa) e conseguem absorver tecnologia e inovar mais rapidamente, tomando a dianteira do crescimento econômico. Na perspectiva da potência hegemônica, a difusão tecnológica, a convergência e os custos da liderança internacional eventualmente levam ao seu declínio relativo. Devido ao choque entre capacidades, interesses e a governança global, as potências declinantes e ascendentes entram em rota de colisão. Este conflito de interesses pode ser resolvido pela acomodação ou, frequentemente, por meio de guerra central.

Do ponto de vista econômico e produtivo, Giovanni Arrighi (2000) apresenta a lógica dos “ciclos sistêmicos de acumulação”, que dialoga com os conceitos de ordem hegemônica e crescimento desigual. Por meio da acumulação de capital, a potência em ascensão se torna o maior pólo produtivo global e, conseqüentemente, o líder do sistema capitalista. Para além da superioridade econômica, o hegemona dita as regras e controla os meios de pagamento disponíveis no plano internacional. Na visão de Arrighi, a principal causa de declínio hegemônico é a financeirização da economia. Em outras palavras, quando

o capital não encontra mais vazão produtiva neste país e passa a se acumular no seu sistema financeiro.

Trazendo uma breve revisão do debate sobre o declínio relativo dos Estados Unidos no campo da EPI, vários autores observam um processo em longo prazo de erosão hegemônica. Os trabalhos seminais da disciplina, como Gilpin (1975) e Strange (1988) argumentavam que os processos de offshoring da indústria dos EUA somada à desregulamentação financeira estava levando à perda do controle da difusão global de capital. Nas últimas duas décadas, a desindustrialização, o aumento da desigualdade e o modelo baseado no consumo e endividamento têm aprofundado as contradições da economia estadunidense. Os interesses profundos e perversivos do *lobby* financeiro e da lógica corporativa dos shareholders moldam o debate político dos EUA e dificultam qualquer projeto de reestruturação produtiva (SMIL, 2013; COHEN e DELONG, 2016).

196 Conforme apontam Gilpin (1981), Arrighi (2000) e Cohen e Delong (2010), a hegemonia estadunidense promoveu a expansão e consolidação da ordem enquanto as virtudes de seu modelo de crescimento e difusão de influência ainda eram predominantes. Perdendo progressivamente capacidades domésticas e internacionais desde os anos 1970, os Estados Unidos passaram a adotar políticas revisionistas dentro de sua própria ordem liberal a partir da década de 2000.

Somado a este declínio, o *cluster* produtivo do Leste Asiático se torna o pólo dinâmico da economia global. A construção das suas vantagens está relacionada à instrumentalização do desenvolvimento econômico tardio, liderado pelo Estado em coalizão com grandes conglomerados nacionais (WADE, 1990; AMSDEN, 2001). Além de inovarem com a introdução do modo de produção flexível (Toyotismo), os países asiáticos sob a liderança do Japão, utilizaram as vantagens comparativas entre si para criar economias de escala em cadeias regionais de valor a partir da década de 1960 (ARRIGHI, 2000).

A inserção duplamente tardia (*late-late development*) da China em termos de modernização econômica no século XXI gera contradições ainda mais profundas entre a ordem vigente e a ascensão asiática como pólo de poder. O potencial do imenso mercado chinês (*big-country effect*) associou-se à rápida capacidade nacional de absorção de capital externo e de organização produtiva. Esses fatores

originaram um fenômeno de industrialização acelerada na China nas últimas duas décadas sem precedente histórico global (ROSENBERG e BOYLE, 2019).

O choque<sup>5</sup> de desenvolvimento desigual e combinado entre a financeirização pós-industrial dos EUA e a emergente acumulação de capital na China acentua tendências de longo prazo: a instabilidade da economia política doméstica das potências ocidentais (EUA, países da União Europeia) e a erosão da liderança global pelo Ocidente. A China corresponde por cerca de 28% da produção manufatureira mundial, com um total de valor adicionado de aproximadamente US\$ 4 trilhões. Somando a China com outros países asiáticos - Japão, Coreia do Sul e Índia - esse percentual sobe para mais de 40% (RICHTER, 2020). Nos Estados Unidos, em contrapartida, a manufatura representa apenas 11% do PIB, ao passo que o setor financeiro é o mais representativo da economia, com 21% (STATISTA, 2020).

197 Segundo Rosenberg e Boyle (2019), foi justamente esse choque que suscitou os fenômenos políticos da saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) e da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, em 2016. Numa perspectiva mais ampla, a ascensão da Ásia também desloca o eixo de poder em direção ao Oriente. Em longo prazo, esse processo tende a reduzir a influência dos EUA e do dólar sobre a arquitetura comercial e financeira internacional (COHEN e DELONG, 2010; KIRSHNER, 2014).

Diante desse cenário, cabe investigar como a erosão da ordem hegemônica estadunidense é acelerada a partir das duas crises mais recentes: a Crise Financeira de 2008 e a crise da COVID-19. A primeira demonstrou a incapacidade do modelo econômico dos EUA em responder às contradições e choques da globalização defendida por modelos econômicos neoliberais. A perda de legitimidade do discurso liberal afetou profundamente o *establishment* político estadunidense e sua influência ideológica sobre a ordem internacional. Kirshner (2014) aponta a emergência de uma “nova heterogeneidade” sobre o gerenciamento da economia global em contraposição às tendências de

---

<sup>5</sup> Entende-se o fenômeno do desenvolvimento desigual e combinado como um choque entre diferentes sistemas de economia política nacional e internacional. Neste caso, os Estados Unidos apresentam-se como um sistema engessado e declinante, com baixa capacidade de inovação institucional. Em contraste, a China tem avançado um sistema tecnocrático e novas instituições internacionais para aumentar sua influência externa. Para um argumento mais extenso sobre as capacidades de adaptação institucional dos dois países, ver Mahbubani (2020a).

liberalização comercial e financeira. A crise da COVID-19, conforme se analisa a seguir, apresenta um novo choque entre o antigo pensamento liberal e a emergência da China como liderança alternativa na construção de novos padrões de comércio, investimento, finanças, instituições e normas internacionais.

### 3. Evolução e crise da ordem liberal

198 Esta seção concentra-se nos pilares da ordem hegemônica dos EUA no pós-Segunda Guerra Mundial e nos processos históricos que levam ao seu declínio. A construção dos pilares da ordem liberal resultou de esforços conjuntos da oligarquia vencedora da Segunda Guerra Mundial, liderada e moldada pelos Estados Unidos. Ao longo de sete décadas, boa parte do mundo tem seguido uma ordem abrangente e multifacetada, com base em princípios de abertura econômica, multilateralismo e cooperação securitária. Essa ordem tem sido idealmente caracterizada por uma economia global capitalista e por uma variedade de democracias liberais, assim como pela concepção do Estado de direito. Os pilares da OH estão centralizados fundamentalmente em torno do poder americano e de um conjunto de instituições multilaterais<sup>6</sup> (IKENBERRY, 2018).

A partir da década de 1970, criou-se um paradoxo estrutural com a adoção do padrão dólar flexível: ao mesmo tempo em que os Estados Unidos perderam gradualmente a liderança produtiva, estabeleceram uma pervasiva dominação financeira sobre o sistema. O poder estrutural do dólar rende aos EUA um privilégio exorbitante, conferindo-o o instrumento de controle da moeda de referência internacional. Assim, os Estados Unidos têm liberdade para sustentar grandes déficits externos e o aumento da dívida pública, dividindo os riscos de sua política monetária com o resto do mundo. Ainda que outros países tenham acelerado seus processos de acumulação de capital, seu crescimento sempre esteve atrelado ao dólar e à dívida do tesouro estadunidense. A situação de

---

<sup>6</sup> A construção da OH envolveu a criação de regimes internacionais nas esferas política, econômica e securitária. A organização do sistema político mundial ocorreu com a criação da ONU e de suas agências. Também foram estabelecidas as instituições de Bretton Woods: FMI, Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD, atualmente Banco Mundial) e o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), posteriormente substituído pela OMC. Salienta-se a criação de bancos de fomento regionais, como o Banco de Desenvolvimento da Ásia (ADB), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Africano de Desenvolvimento (PAUTASSO, 2015).



interdependência impôs uma série de empecilhos à transição hegemônica e incentivou elites nacionais a competirem dentro do núcleo do capitalismo globalizante, ao invés de proporem alternativas à ordem vigente (FIORI; SERRANO; MEDEIROS, 2008; MILAN, 2012).

Por outro lado, a erosão da capacidade estadunidense em manter a liderança do processo de acumulação e difusão de capital abriu espaço para séria contestação a outros aspectos de sua hegemonia. Nas últimas décadas, houve o declínio de sua autoridade na governança do sistema capitalista e na construção de regras e regimes. Observa-se a redução da liderança estadunidense em dois aspectos principais: a incapacidade ou falta de vontade em prover bens públicos globais e a percepção externa de que sua atuação é fonte de instabilidade para a ordem global.

199 No pós-Guerra Fria, a emergência do breve momento unipolar e do Consenso de Washington levaram a ilusões sobre a perenidade e superioridade do capitalismo liberal e da globalização econômica. No século XXI, o unilateralismo no campo securitário e o papel auto-imposto de policial global também contribuíram para a deslegitimação do discurso estadunidense como uma potência benigna. Em suma, houve, por parte dos Estados Unidos, um tremendo erro de cálculo baseado numa visão ideológica, a-histórica e atemporal. Seja em relação ao projeto liberal internacionalista de Bill Clinton ou ao projeto conservador de George W. Bush, os EUA se colocaram numa posição de “engenheiros sociais” na tentativa de transformar nações politicamente distintas à sua imagem (MEARSHEIMER, 2011).

A partir dos anos 2000, a “ascensão do resto” demonstrou que não somente a hegemonia dos Estados Unidos estava ameaçada por novos competidores. A emergência de pólos alternativos de poder econômico, tecnológico, político e militar mudou o eixo de construção normativa em direção ao Oriente. Assim, a ordem multilateral e globalizante também se torna contestada pela ascensão de potências emergentes em várias esferas. Alguns exemplos são: sua atuação nas instituições de governança econômica (e.g. OMC<sup>7</sup>, G-20<sup>8</sup>), governança financeira

---

<sup>7</sup> Organização Mundial do Comércio.

<sup>8</sup> O Grupo dos 20 (G-20) é um fórum de discussão de agendas econômicas entre as 20 principais economias globais. Até a década de 1990, as principais decisões internacionais neste âmbito eram tomadas pelo Grupo dos 7 (G-7), formado por Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos.

(e.g. Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional), a formação de novas coalizões diplomáticas (e.g. BRICS<sup>9</sup>, OCS<sup>10</sup>) e o aprofundamento da integração regional asiática por meio da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) e seus mecanismos de cooperação com China, Coreia do Sul e Japão (ASEAN+3). Esse processo tem sido chamado de ordem pós-Occidental ou pós-Americana (ZAKARIA, 2008; STUENKEL, 2018).

A crise financeira de 2008 foi o evento catalisador das contradições da ordem hegemônica, acentuando o declínio relativo dos Estados Unidos e da Europa em relação ao Leste Asiático. Durante toda a segunda metade do século XX, as crises financeiras em outros países - por vezes facilitadas pelo próprio papel dos EUA - provocaram fugas de capitais e investidores em direção ao dólar e à economia estadunidense. Em 2008, além de estarem no epicentro da maior crise desde 1929, os Estados Unidos não lançaram reformas profundas em seu sistema financeiro, aumentando a incerteza sobre sua capacidade de governança. Na Europa, a crise proporcionou efeitos sísmicos sobre a integração na União Europeia e descreditou o euro como alternativa ao dólar, mas também lançou dúvidas sobre o papel central da moeda nas finanças globais (KIRSHNER, 2014).

Tendências de longo prazo nas economias desenvolvidas também sofreram com os reflexos da crise financeira: lentas taxas anuais de crescimento, o incremento da desigualdade e o declínio da mobilidade social. Os impactos da crise financeira de 2008 no eixo do Atlântico Norte permaneceram ao longo da segunda década do século XXI e mostram o fracasso do experimento neoliberal, caracterizado por impostos mais baixos para os ricos, desregulamentação do mercado de trabalho e financeirização (STIGLITZ, 2019).

A partir de dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), a média anual de crescimento econômico da Europa e dos Estados Unidos, entre 2009 e 2019, é de 1,13% e 1,85%, respectivamente, bastante abaixo dos 5,77% verificados na região do Leste Asiático (FMI, 2020). Além do baixo crescimento, se verificou, no período pós-crise, a ocorrência de processos recessivos na Europa, especialmente nos países do sul do continente (Grécia, Itália, Portugal e Espanha), devido à

---

<sup>9</sup>Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

<sup>10</sup> Organização para a Cooperação de Xangai, formalmente estabelecida em 2001 e liderada por China e Rússia na governança da Ásia Central.

introdução de rígidas políticas de austeridade, com efeitos sobre o emprego e a distribuição de renda (RAITANO, 2016). A persistência dos efeitos da crise de 2008 também se refletiu em impasses associados à agenda da integração europeia - simbolizado especialmente no *Brexit* - e propiciou a emergência de movimentos políticos que constituem fonte de instabilidade. No caso estadunidense, a ampliação da desigualdade social igualmente se tornou fator de instabilidade, com implicações a nível doméstico e internacional.

Mahbubani (2020a) argumenta que a “suposição da virtude” e o mito do “excepcionalismo” americano são cada vez mais ilusórios no contexto atual. Desde a década de 1980, há em curso um processo de desregulamentação financeira e desindustrialização que provoca a estagnação da renda e a elevação da desigualdade social nos Estados Unidos. Esse processo traz significativos impactos sobre o sistema político, que cada vez mais se parece com uma plutocracia. Ideais da sociedade estadunidense, como a meritocracia e igualdade de oportunidades, estão distantes da realidade empírica, que caminha para a estratificação social, dominada por *lobbies* e pela aristocracia empresarial (MAHBUBANI, 2020a).

201 Entre os países asiáticos, a experiência com a crise de 1997 já havia sido respondida com um controle maior sobre o fluxo de capitais, refletindo a desconfiança quanto ao modelo liberal estadunidense. A partir de 2008, a perspectiva heterodoxa do Leste Asiático ganhou força enquanto alternativa aos preceitos liberalizantes do Consenso de Washington, promovendo ainda mais a regionalização comercial e financeira (KIRSHNER, 2014). A China desponta como líder desse processo, impulsionada pela magnitude de sua industrialização e pelo excedente de capital direcionado estrategicamente pelo Estado (ROSENBERG e BOYLE, 2019).

Os questionamentos à hegemonia do dólar<sup>11</sup> por parte da China e de outros atores, como a Rússia, são reforçados com o próprio comportamento recente dos Estados Unidos, que vem utilizando o dólar como arma geopolítica para impor sanções unilaterais a outros governos (MAHBUBANI, 2020a). Considerando estímulos anteriores para a redução da dependência frente ao dólar, sua utilização

---

<sup>11</sup>Em 2009, Zhou Xiaochuan, então presidente do Banco Popular da China, assinalou que a reforma do sistema monetário internacional deve englobar ações para criar uma moeda de reserva internacional, desconectada de nações individuais e capaz de permanecer estável no longo prazo (XIAOCHUAN, 2009).

coercitiva apenas acelera a construção de alternativas. O governo chinês, a despeito dos enormes desafios e do demorado processo de internacionalização do RMB, vem implementando ações com os seguintes objetivos: a) incrementar a representação do RMB na cesta de moedas do FMI; b) fortalecer seu Sistema de Pagamentos Internacionais<sup>12</sup>; c) transformar Xangai em uma grande praça financeira<sup>13</sup>; d) promover acordos bilaterais de *swap* cambial<sup>14</sup> com bancos centrais parceiros (EICHENGREEN, 2015; CINTRA e PINTO, 2017).

A crise de 2008 também favoreceu a construção de modelos de governança paralela e de estruturas financeiras alternativas ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial. Dois exemplos substantivos são o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) do BRICS e o Banco Asiático de Investimentos em Infraestrutura (BAII) (STUENKEL, 2018). A despeito da forte oposição de Washington, o BAII contou com a adesão de uma ampla gama de nações dentro e fora da Eurásia. Vários aliados tradicionais dos EUA participaram da fundação do banco asiático<sup>15</sup>, sugerindo o enfraquecimento de sua autoridade relacional.

202 A crise financeira afetou de forma igualmente relevante a própria globalização, havendo o recuo do comércio internacional em relação ao PIB global e o recente desenvolvimento da guerra comercial entre China e Estados Unidos. Esse processo contribui para incertezas relativas às cadeias globais de valor e à sua posição enquanto motor de crescimento mundial (IRWIN, 2020).

Em decorrência de seus ganhos de competitividade, a China, especialmente após a ascensão de Xi Jinping (2013), busca uma estratégia de defesa dos regimes comerciais multilaterais. Simultaneamente, os chineses apostam na regionalização econômica para expandir seu poder e influência. Há mais de uma década a China internacionaliza seu capital em megaprojetos de infraestrutura no entorno

---

<sup>12</sup>O *China International Payment System* (CIPS) se apresenta enquanto uma alternativa a plataforma de pagamentos SWIFT (*Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication*).

<sup>13</sup>A transformação de Xangai em um centro financeiro global envolve: ampliação do mercado de ações (*Shanghai Stock Exchange*), operação de mercados futuros (*Shanghai's Futures Exchanges*) e conexão entre as Bolsas de Xangai e de Hong Kong (*cross-border share trading scheme*) (CINTRA; PINTO, 2017).

<sup>14</sup>A China assinou acordos de *swap* cambial com mais de 60 países, envolvendo valores da ordem de meio trilhão de dólares (THE ECONOMIST, 2020).

<sup>15</sup>Entre os aliados que ingressaram como membros-fundadores, destacam-se Reino Unido, Austrália e Coreia do Sul. Alemanha, França e Itália também ingressaram como membros fundadores.

regional. A estratégia chinesa também amplia a interdependência assimétrica na Ásia por meio da cooptação de elites, onde a China tem vantagem na barganha com outros países por ser a nação de maior poder econômico e financeiro. Segundo Cintra e Pinto (2017, p. 397): “[há] um emaranhado de interesses que cada vez mais depende do dinamismo econômico chinês e da configuração de novas instituições multilaterais de crédito”.

Por um lado, as estruturas paralelas pós-crise de 2008 refletem a desconstrução da ordem liberal e o enfraquecimento da influência estadunidense. Por outro, retratam a proatividade da diplomacia econômica chinesa sob a presidência de Xi Jinping (DAOJIONG, 2016), representando tanto a sinergia entre desenvolvimento nacional e potencialização da inserção internacional (PAUTASSO, 2019) quanto à pretensão do gigante asiático em remodelar ativamente a globalização econômica internacional (YIWEI, 2016).

203 A desconstrução da ordem liberal se evidencia na hostilidade do governo Trump ao internacionalismo, na desintegração do bloco europeu a partir do *Brexit* e no enfraquecimento da democracia face à ascensão de governos autoritários (IKENBERRY, 2018). As instituições globais também enfrentam uma situação de paralisia, seja em termos das rodadas da OMC ou a inoperância do Conselho de Segurança sobre o conflito na Síria (DUNCOMBE e DUNNE, 2018).

O refluxo do multilateralismo está, em parte, associado ao comportamento unilateral dos EUA à medida em que o país se retirou de três grandes debates atuais: liberalização comercial, crise migratória e mudança climática (STUENKEL, 2020). O governo Trump evidencia o vácuo estratégico dos EUA: observa-se nitidamente a opção pelo confronto à cooperação, o unilateralismo ao multilateralismo e a pela ameaça à barganha diplomática. Mesmo nas negociações com parceiros tradicionais, como a União Européia e o Japão, os Estados Unidos têm aplicado medidas restritivas ao comércio e contestado os termos vigentes de suas alianças securitárias (GONÇALVES e TEIXEIRA, 2019). Colocam-se em risco todos os valores da ordem pós-1945, como as noções de segurança coletiva, democracia e livre-comércio.

Simultaneamente, percebe-se uma crescente assertividade chinesa em diversos temas da agenda global, destacando sua atuação proeminente em discussões relativas à mudança climática e à defesa do livre-comércio.

Paradoxalmente, a China vem se apresentando como a *campeã da globalização*, especialmente se tomarmos como exemplo a defesa de Xi Jinping, na ocasião do Fórum Econômico Mundial, em Davos, de uma economia global aberta (GRAAF et al, 2020).

Em suma, o contexto pré-pandemia já apresentava todos os sinais de crise hegemônica. Esses elementos foram catalisados a partir de 2008, resultando em fenômenos como: o *Brexit*, a taxação de produtos chineses e franco-alemães pelos EUA, tensões sociais em nível global, a corrida armamentista e energética contra a Rússia e o esvaziamento do sistema multilateral (VISENTINI, 2020). Em outras palavras, defende-se o argumento de que a crise de 2008, irradiada a partir dos Estados Unidos e com impactos profundos nos países centrais, revelou transformações que foram amplificadas com a pandemia do coronavírus, principalmente a consolidação do Leste Asiático como *cluster* produtivo e dinâmico da economia mundial e, conforme se mostrará a seguir, a aceleração do tempo histórico em direção a um mundo pós-ocidental.

204

#### **4. A pandemia do coronavírus e a aceleração do tempo histórico**

Considerando as perturbações e fissuras estruturais potencializadas pela crise de 2008, diversas correntes apontam um desafio qualitativamente distinto à ordem pós-1945. O Sistema Internacional apresenta elevado grau de desordem na reorganização da competição, sugerindo um processo de entropia. Assim, a transição do sistema unipolar não resulta necessariamente na multipolaridade tradicional. Pelo contrário, os recursos de poder estão cada vez mais difusos em escala global, sem que haja uma perspectiva clara sobre os objetivos e estratégias dos Estados frente a novos atores e agendas de poder (SCHWELLER, 2010).

A crise do coronavírus, identificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia em março de 2020, tem o potencial de *acelerar* o tempo histórico, precipitando transformações que já estavam sendo gestadas na antiga ordem social (CUNHA, 2020). Analisando a conjuntura atual, observa-se vários sintomas das transformações em curso, particularmente a transição de poder e influência em direção ao Oriente.

Assim como em 2008, as economias emergentes da Ásia tendem a sofrer impactos reduzidos, enquanto os países europeus e os EUA devem ter dificuldades para a retomada do crescimento. As previsões de junho de 2020 do FMI (2020) apontam uma projeção de queda do PIB global de 4,9%, a depender da contenção efetiva do contágio. No entanto, a recessão nos Estados Unidos deve chegar a 8% do PIB, com uma retomada de 4,8% de crescimento em 2021. Na zona do euro, projeta-se um recuo de 10,2%, com retorno de 6% no próximo ano. Em comparação, os países emergentes da Ásia deverão ter queda de 0,8% do PIB em 2020 e um crescimento acelerado de 7,4% em 2021. Mesmo as projeções para o Japão são superiores aos seus pares no Ocidente, com projeção de -5,8% em 2020 e 2,4% de recuperação. Ou seja, a Ásia tende a caminhar em passos largos para reduzir o *gap* de renda com o Ocidente ao longo da década que se inicia.

205 Essa tendência parece estar se confirmando, tendo em vista a melhor resposta dos países do Leste Asiático à pandemia e a resiliência de suas economias. A China é o único país entre 48 a ter relatado um PIB no segundo trimestre superior ao do final de 2019. Contrastando às perspectivas de rupturas nas cadeias globais, houve forte crescimento das exportações, com China, Coréia do Sul e Singapura se beneficiando das exportações no setor de tecnologia (MCCORMICK, 2020).

Em geral, a disseminação em larga escala do vírus SARS-Cov-2 revela características importantes do declínio do Ocidente. Houve uma incapacidade generalizada no enfrentamento dos países ocidentais à crise sanitária, seja individual ou coletivamente. Essa incapacidade generalizada dos países ocidentais se expressa quando se observa os números relativos à fatalidade da COVID-19 em diferentes países e regiões. Os Estados Unidos, que é o país mais acometido pela pandemia, chegou a marca de 300 mil mortos e mais de 16 milhões de infectados no mês de dezembro (JOHNS HOPKINS UNIVERSITY, 2020). De acordo com dados divulgados pela universidade Johns Hopkins, países europeus e sul-americanos, além dos Estados Unidos, possuem os maiores níveis de fatalidade a cada cem mil habitantes: Bélgica (159,15), Itália (108,98), Espanha (103,95), Reino Unido (97,77) Estados Unidos (92,85), França (88,35), Suécia (75,29), Holanda (59,51), Portugal (55,76) e Irlanda (43,97). Em contraste, países do Leste e do Sudeste Asiático, como Malásia (1,34), Coréia do Sul (1,19), Singapura (0,51), China (0,34),

Tailândia (0,09) e Vietnã (0,04), possuem índices inferiores a 2 mortes a cada cem mil habitantes. O Japão (2,04) é um dos únicos que ultrapassa essa marca. Além do Japão, deve-se mencionar as taxas de fatalidade de Índia (10,65), Filipinas (8,26) e Indonésia (7,14) (JOHNS HOPKINS UNIVERSITY, 2020).

Com base nos dados apresentados, aponta-se que os países do Leste Asiático demonstram maior eficiência no combate à pandemia, o que é resultado da celeridade e coesão institucional dos países da região. A partir de experiências passadas, como nos casos da SARS e do H1N1, países como China, Coreia do Sul, Singapura e Japão reforçaram suas capacidades institucionais e, por conta disso, foram capazes de enfrentar a pandemia por meio de um conjunto de políticas que envolveu fechamento de fronteiras, proteção do sistema e dos profissionais de saúde, testagem em larga escala e rastreamento e gerenciamento de casos com base em tecnologias digitais (PARDO et al, 2020; DUCHÂTEL; GODEMENT; ZHU, 2020).

206 Inicialmente, destacaram-se as ações chinesas de combate efetivo ao novo coronavírus<sup>16</sup>, a despeito das críticas à falta de transparência do governo de Pequim. A resposta estadunidense, por outro lado, tem danificado a reputação em torno da competência americana, entendida como uma de suas principais fontes de poder (WALT, 2020). Ao contrário dos países asiáticos, a estratégia dos Estados Unidos acabou falhando em praticamente todas as suas dimensões, a começar pela falta de investimentos em saúde pública, enfraquecimento de agências e instituições de saúde, décadas de desmantelamento das redes de proteção social e incapacidade de testagem, rastreamento e gerenciamento de novos casos (YONG, 2020).

No caso estadunidense, assim como no Reino Unido, ocorreram inúmeras falhas na preparação e condução no combate à pandemia, especialmente a ausência de políticas de monitoramento e rastreamento de casos, recomendado desde abril por parte da OMS. A rejeição das diretrizes da OMS não foi o único problema no caso dos Estados Unidos, que teve a situação da pandemia agravada por desinformações propagadas pela própria Casa Branca. O presidente Trump, por exemplo, estimulou o uso de hidroxicloroquina - mesmo sem eficácia comprovada - e até de desinfetantes para curar os sintomas da COVID-19. Ao mesmo tempo, o presidente não endossou recomendações como uso de máscaras e encorajou seus

---

<sup>16</sup> Em fevereiro de 2020, a OMS afirmou que, diante de um vírus desconhecido, a China lançou talvez o esforço de contenção de doenças mais ambicioso, ágil e agressivo da história (OMS, 2020).



apoiadores a não respeitar os pedidos de “fique em casa” (YAMEY e WENHAM, 2020).

A crise da COVID-19 também constitui uma arena para a competição entre potências por influência externa, mas os EUA não demonstram disposição em participar da disputa. Em primeiro lugar, houve corte no financiamento dos EUA à OMS, seguido do anúncio de sua retirada da organização semanas depois. A resposta incoerente do governo dos EUA ao novo coronavírus mostra que Washington não encontra-se preparado para assumir a liderança global na crise humanitária mais abrangente desde a Segunda Guerra Mundial (STUENKEL, 2020).

207 O abandono pelo governo Trump do multilateralismo e da estratégia de exportação do modelo democrático estadunidense para o resto do mundo provocou especialistas a cunharem sua política externa sob o prisma da “hegemonia iliberal” (POSEN, 2018). Ou seja, os EUA continuam a exercer seu papel hegemônico pela coerção, mas abandonaram boa parte de suas iniciativas de convencimento e barganha diplomática. Essa perspectiva consolida a noção de que não há mais disposição dos EUA em manter a legitimidade de sua liderança, ou sequer de exercê-la (POSEN, 2018). Em meados de 2020, os EUA ainda não haviam dado sinais de controle doméstico da pandemia ou de coordenação internacional. Pelo contrário, reforçam sua aversão ao multilateralismo e propõem um conceito distorcido de *America First*. Por conta disso, há analistas que entendem que a crise atual pode representar o “momento de Suez” à hegemonia estadunidense, em analogia ao evento que expôs a decadência do poder britânico em 1956 (CAMPBELL e DOSHI, 2020; STUENKEL, 2020).

A crise doméstica também contribui para ações controversas dos Estados Unidos no plano internacional. O declínio da indústria americana e a falta de planejamento estratégico levaram à escassez de equipamentos essenciais de saúde logo nas primeiras semanas de contágio. Como resultado, o governo Trump protagonizou episódios de “pirataria moderna” segundo o governo alemão, envolvendo o confisco de produtos e equipamentos essenciais endereçados a aliados, como a própria Alemanha, a França e o Brasil. Além do confisco, Trump entrou em conflito com a empresa 3M após anunciar a intenção em proibir a exportação de máscaras da multinacional, cuja maioria é produzida na China para mercados como a América Latina e o Canadá.

A resposta internacional da China à pandemia, por sua vez, capitaliza sobre o vácuo deixado pelos EUA. A chamada “diplomacia das máscaras” tem o objetivo de impulsionar a imagem da China enquanto um líder global responsável (WONG, 2020). O governo chinês empreendeu esforços no sentido de oferecer assistência, materiais e equipamentos para países acometidos pela pandemia. Em abril de 2020, a China já havia enviado assistência a 130 países e organizações internacionais. A assistência inclui o envio de máscaras, roupas de proteção e kits de testagem para 127 países, bem como o envio de equipes médicas para 11 países (CGTN, 2020).

A China prestou assistência técnica e enviou máscaras e equipes médicas tanto para países desenvolvidos no Ocidente quanto para países vizinhos (Filipinas e Malásia) (KURLANTZICK, 2020). O governo chinês também providenciou auxílio para outros países gravemente acometidos pelo novo coronavírus, como o Irã. A ofensiva diplomática chinesa engloba assistência humanitária na forma de doações ou conhecimentos médicos (MYERS e RUBIN, 2020). Em alguns casos houve assistência financeira, a exemplo do empréstimo de US\$ 500 milhões oferecido ao Sri Lanka (KURUWITA, 2020).

208

A capacidade de planejamento de longo prazo ajuda a explicar a resposta mais efetiva da China, especialmente em termos de produção de equipamentos e mobilização da capacidade industrial nacional (DATHEIN, 2020; WONG, 2020). Destaca-se, ainda, a chamada “Rota da Seda da Saúde” (*Health Silk Road*, HSR), que, anunciada em 2017, reaparece em um momento de pandemia global. A HSR pode servir como um instrumento para retomar a própria Iniciativa Cinturão e Rota, afetada pela interrupção de obras e paralisação das cadeias de produção. Evidentemente, o objetivo da HSR também é impulsionar a imagem da China no papel de provedor de bens públicos em matéria de saúde global (LANCASTER; RUBIN; RAPP-HOOPER, 2020).

Nesse sentido, Pequim parece ter mais a oferecer a possíveis aliados do que os Estados Unidos do ponto de vista material. O país asiático enfatiza suas ações econômicas em aspectos produtivos (e.g. investimentos em infraestrutura), enquanto os Estados Unidos possuem uma lógica de atuação dominada por interesses do capital financeiro (DATHEIN, 2020). Na esfera multilateral, cabe mencionar o anúncio do presidente Xi Jinping em assembleia da OMS, oferecendo

US\$ 2 bilhões à organização. Os EUA, em oposição, criticaram o comportamento da organização no enfrentamento à crise da COVID-19, acusando-a de ser um “fantoche” (ALONSO, 2020). Dessa forma, Washington se comporta como um ator revisionista de sua própria ordem, possibilitando a emergência de atores dispostos a exercer a liderança na construção de normas, regras e instituições alternativas.

Confronta-se um panorama no qual a China, em oposição ao líder e fiador da ordem liberal, apresenta-se como uma potência em ascensão capaz de mobilizar recursos produtivos, financeiros e institucionais. O governo chinês age para prover tanto o fornecimento de bens essenciais no combate à pandemia quanto assistência econômica. Em um cenário pós-pandemia, Pequim pode desempenhar um papel central ao oferecer auxílio por meio de investimentos diretos, sobretudo aos países em desenvolvimento (JIN, 2020).

209 Contudo, não se pode ignorar os prejuízos à imagem internacional da China causada pela opacidade de suas iniciativas e pelo discurso conservador anti-chinês nos EUA, em vários países europeus e de matriz ocidental e em rivais asiáticos como a Índia e o Japão (PULIPAKA e RATNA, 2020). Uma das consequências da pandemia é o crescimento da desconfiança geopolítica em relação à China desses países e ao seu papel central nas cadeias globais de valor. No contexto de guerra comercial entre China e Estados Unidos e de crescentes custos de produção em território chinês, há um movimento de revisão do planejamento de grandes multinacionais. Parte dessas empresas cogita, por exemplo, a realocação parcial de suas cadeias logísticas na China para outro país asiático, também conhecido pelo termo “*China plus one*”. A interrupção parcial das cadeias produtivas devido à pandemia pode consolidar essas iniciativas (GOVINDARAJAN e BAGLA, 2020).

As desconfianças em relação à China são maiores quando se trata do controle sobre tecnologias sensíveis, como no caso da rede 5G. A Huawei, empresa chinesa líder no segmento, está no centro da disputa sino-americana. Recentemente, a Huawei sofreu novos revezes no Reino Unido, que pretende retirar por completo a presença da empresa nas redes de telecomunicação do país até 2023 (SABBAGH, 2020). Os britânicos lideram a formação do grupo D-10, composto pelos países do G7 mais Austrália, Coreia do Sul e Índia. O propósito da iniciativa é criar um conjunto de fornecedores de equipamentos 5G e outras tecnologias para evitar a dependência da China (REUTERS, 2020).

A partir das lições aprendidas com os casos asiáticos em termos de memória e capacidade institucional, a região não desponta apenas como eixo dinâmico do capitalismo no século XXI, mas também como referência em termos de governança (MAHBUBANI, 2020b). Apesar de particularidades nacionais, os países do Leste Asiático implementaram políticas similares de contenção à COVID-19. Identifica-se desde ações de gestão e rastreamento detalhado de novos casos, fazendo uso de ferramentas digitais, até mobilização da indústria nacional para produção de equipamentos essenciais e kits de testagem (DUCHÂTEL; GODEMENT; ZHU, 2020).

Considerando que o declínio de ordens hegemônicas anteriores também envolve a legitimidade de ideologias dominantes, a COVID-19 evidencia a fragilidade do modelo de desenvolvimento pós-industrial, financista e desigual prevalente nos EUA e influente politicamente em outros países desenvolvidos como o Reino Unido. Nunes (2020), por exemplo, relaciona os temas da securitização da saúde e da crise do modelo neoliberal à vulnerabilidade da situação global.

210

A história da COVID-19 é marcada por escolhas políticas, ao longo das últimas décadas. Estas ações e omissões reduziram a capacidade dos sistemas de saúde, assim como acentuaram a desigualdade, fragilizaram condições de trabalho e enfraqueceram serviços públicos essenciais (NUNES, 2020, p. 3). A imagem que simboliza essa perspectiva é o fato de os Estados Unidos contarem com um dos sistemas de saúde mais caros do mundo, sem que haja um modelo de atendimento público universal gratuito ou de custo acessível.

A pandemia demonstra que o atual modelo social praticado nos EUA se esgotou, juntamente com a visão individualista, consumista e neoliberal (VISENTINI, 2020). Essa concepção é criticada, por exemplo, em editorial publicado pelo *Financial Times*, que enfatiza a necessidade de reconhecer os limites do contrato social contemporâneo e reverter políticas predominantes desde a década de 1980. O objetivo é desmistificar propostas de renda mínima universal e conceber os serviços públicos como investimentos, e não como passivos ou externalidades (FINANCIAL TIMES, 2020). Conforme aponta Uebel (2020), modelos econômicos antiquados - especialmente aqueles cujo papel do

Estado deveria ser mínimo - negligenciam que os direitos humanos mais básicos, como a saúde, estão acima de qualquer política macroeconômica.

Diante desses aspectos, a pandemia da COVID-19 aprofunda o desgaste do projeto estadunidense, que nos últimos anos transformou-se em hegemonia iliberal por meio de políticas revisionistas nos âmbitos econômico e securitário. As ações chinesas de combate à pandemia sugerem que o país encontra-se disposto a se comprometer mais do que o fiador da ordem liberal. Mas isso não significa, ao menos na próxima década, uma ordem “sinocêntrica”. Significa, de fato, uma ordem global marcada pela “ascensão do resto” com um protagonismo cada vez maior da China e de países fora do eixo Atlântico Norte.

## 5. Conclusão e perspectivas sobre o mundo pós-COVID-19

211 A pandemia da COVID-19 acelera tendências sistêmicas que já estavam em curso com a crise financeira de 2008, acentuando o contexto de desordem. Ao analisar as respostas domésticas e externas de combate à pandemia, o processo de declínio relativo das potências tradicionais se reflete na sua confusão estratégica. Alguns sintomas dessa confusão nos últimos anos podem ser observados na política externa inconsistente do *America First* de Donald Trump e nas negociações do *Brexit* entre Reino Unido e União Européia.

A perda de capacidade institucional e de mobilização de capital dos Estados Unidos demonstra seu declínio estrutural. O desinteresse do governo Trump em liderar o mundo num contexto de crise é sintoma agudo das contradições dessa transição hegemônica do pólo dinâmico capitalista em direção ao Leste Asiático. Em suma, Trump desiste de apostar num jogo em que está perdendo e já não sabe como reverter. Apesar da vitória do candidato democrata nas eleições de 2020, haverá pouca margem para escolhas dentro do atual modelo de desenvolvimento dos Estados Unidos.

O retorno de um mundo não-ocidental traz desafios também às potências emergentes. Ainda não há proposta de uma nova ordem hegemônica, mas já existem instituições paralelas que fogem ao controle das potências tradicionais. As crises de 2008 e 2020 trazem consigo um potencial de revisão e renovação de normas, valores e princípios. Os modelos de globalização neoliberal encontram-se

em profundo desgaste, desequilibrando a sinergia entre Estados, mercados e sociedade civil. A ênfase na intervenção mínima do Estado e no individualismo resulta no elevado grau de vulnerabilidade global atestado pela pandemia.

Diferentes sistemas de economia política e os dilemas particulares de cada país na transição para o século XXI dificultam uma agenda comum. EUA, Europa e Japão lideram a corrida tecnológica da quarta revolução industrial, mas todos estão atrelados à máquina industrial chinesa. Na última década, a China também vem confirmando a tese das “vantagens do atraso” para se colocar rapidamente como uma nova liderança em tecnologias de ponta.

Da mesma forma, a hegemonia do dólar e, conseqüentemente, do sistema financeiro global é provavelmente o único aspecto sólido da trajetória decadente dos Estados Unidos. O destino da competição nessas duas esferas será um problema sistêmico devido à dependência global sob o dólar e o mercado financeiro estadunidense. Somam-se à agenda econômica novos temas da sociedade da informação que também dificultam a cooperação, seja pelos avanços em ciberespionagem ou pelo poder sem precedentes das redes sociais.

212

A solução intermediária encontrada pela China para uma transição hegemônica menos conflituosa tem sido a liderança na formação de instituições paralelas à ordem liberal. Contudo, há risco de regressão de aspectos positivos da globalização, juntamente com jogos de sabotagem e soma-zero entre Grandes Potências. Não se pode deixar de lado a emergente resposta securitária dos Estados Unidos e possivelmente da Índia e do Japão em formar coalizões de balanceamento contra a China. Neste sentido, o aspecto estratégico e militar retorna como variável para análises no campo da EPI. Tomando como base as teorias de transição hegemônica, os choques de crescimento desigual levarão a rupturas também no campo securitário. Cabe analisar em futuras agendas a relação entre EPI e os diversos conflitos presentes no Leste Asiático, aprofundando o entendimento sobre o caráter pacífico ou não do processo de transição hegemônica a partir do novo epicentro da competição geopolítica global.

No cenário de tantas incertezas sobre os rumos da ordem internacional, cabe analisar se temos respostas acerca do processo de transição hegemônica. A avaliação deste estudo aponta que o mundo caminha para um modelo cada vez menos centrado no Ocidente, cujos valores e princípios entraram em crise de

legitimidade devido à atuação dos Estados Unidos nas últimas décadas. As respostas estadunidense e europeia à pandemia sinalizam o nítido declínio do Estado de bem-estar social e dificuldades sérias em matéria de governança institucional.

No horizonte próximo do mundo pós-ocidental, as nações do Leste Asiático tendem a assumir maior protagonismo. Por outro lado, este mundo conviverá com o acirramento das tensões e da rivalidade sino-americana, tensionando as disputas em torno das estruturas hegemônicas de poder que ainda sustentam a liderança estadunidense.

Entretanto, a perspectiva de um mundo pós-ocidental não significa que seja antiocidental; ele apenas simboliza o retorno da Ásia como centro dinâmico da economia política mundial após um hiato de dois séculos. A pandemia da COVID-19 pode ser um ponto de partida para a difusão de valores ainda distantes da cultura ocidental. Considerando a resposta competente à pandemia em termos de governança doméstica, cabe aos demais a adaptação ou o simplismo do discurso conservador de choque civilizacional.

213

A perspectiva da aceleração do tempo histórico em direção ao mundo pós-ocidental se evidencia não somente na resposta chinesa à pandemia, mas também na efetiva gestão de crise apresentada pelo Leste Asiático. Essa resposta efetiva, materializada em taxas bastante inferiores em termos de casos positivos e letalidade, explica-se pela construção e reforço de capacidades institucionais (PARDO et al, 2020). Caso se mantenha a tendência de desordem internacional e de acentuação dos impactos ambientais do modelo capitalista, o mundo pode viver novos choques na próxima década.

Os países que mantiverem maior coesão institucional e mobilização produtiva, independente do caráter nominal do regime político, terão vantagem no gerenciamento de crises e na busca por alternativas econômicas. Por enquanto, a financeirização aparece como elemento central do declínio estadunidense, acentuando contradições internas e deslegitimando ideologias que sustentavam a sua liderança. Conforme discutido anteriormente, os EUA prescindiram de sua capacidade produtiva e tecnológica para adotar um modelo de lucros de curto prazo que pouco serve ao desenvolvimento econômico nacional.

O momento atual sinaliza o esgotamento do modelo de globalização desregulamentada e para o benefício de poucos, refletindo a urgência em repensar o contrato social contemporâneo. O estágio pós-industrial do modelo estadunidense destoa da ascensão do *cluster* asiático, resultante do desenvolvimento tardio, da sinergia entre setores públicos e privados, e da responsabilidade social compartilhada.

Apesar do cenário complexo, a nova ordem não é inevitavelmente mais perigosa, caótica e sem ordenamento. Momentos de crise oportunizam também reorganizações entre forças políticas domésticas e internacionais, que podem levar tanto a pactos de elites, quanto a pactos sociais em torno da agenda da economia real. Seja no campo das relações internacionais ou nos gabinetes políticos e empresariais, é imperativo superar a visão centrada no Ocidente como farol ideológico do desenvolvimento. As estratégias econômicas de cada país devem, além de aproveitar as oportunidades advindas da ascensão de um novo pólo dinâmico, compreender as causas estruturais da transição hegemônica e adaptar estratégias de gestão pública e privada para sobreviver no mundo pós-ocidental.

214

## Referências

ALONSO, Lucas. Em assembleia geral da OMS, China promete fundos e EUA criticam entidade. **Folha de São Paulo**, 18 maio 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZdmYJU>>. Acesso em: 25 maio 2020.

AMSDEN, Alice H. **The Rise of "the Rest": Challenges to the West from Late-Industrializing Economies**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

ANIEVAS, Alexander; NIŞANCIOĞLU, Kerem. **How the West Came to Rule: The Geopolitical Origins of Capitalism**. London: Pluto Press, 2015.

ARRIGHI, Giovanni. **The Long Twentieth Century: Money, Power, and the Origins of Our Times**. London: Verso, 2000.

CAMPBELL, Kurt; DOSHI, Rush. The Coronavirus Could Reshape Global Order. China is Maneuvering for International Leadership as the United States Falter. **Foreign Affairs**, 18 mar 2020. Disponível em: <<https://fam.ag/2W4vusP>>. Acesso em: 07 maio 2020.

China Global Television Network (CGTN). China says it has help over 130 countries and intl organizations fight COVID-19 pandemic. **CGTN**, 10 abr 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3iOMfSi>>. Acesso em: 22 maio 2020.



CINTRA, Marcos Antonio Macedo; PINTO, Eduardo Costa. China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento. **Revista de Economia Política**, v. 37, n. 2, abr 2017, p. 381-400.

COHEN, Stephen; DELONG, J. Bradford. **Concrete Economics**: The Hamilton Approach to Economic Growth and Policy. Boston: Harvard Business Review, 2016.

COHEN, Stephen; DELONG, J. Bradford. **The End of Influence**: What Happens When Other Countries Have the Money. New York: Basic Books, 2010.

COX, Robert W. Gramsci, Hegemony and International Relations: An Essay in Method. **Millennium Journal of International Studies**, v. 12, n. 2, 1983, p. 162-175.

CUNHA, André M. A Economia Global e a Pandemia: algumas lições da história. **Faculdade de Ciências Econômicas (FCE-UFRGS)**, 23 mar 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Zgj5nu>. Acesso em: 06 maio 2020.

DAOJIONG, Zha. China's Economic Diplomacy. Focusing on the Asia-Pacific Region. **China Quarterly of International Strategic Studies**, v. 1, n. 1, 2016, p. 85-104.

DATHEIN, Ricardo. EUA versus China: será a COVID-19 determinante para definições geopolíticas internacionais? **Faculdade de Ciências Econômicas (FCE-UFRGS)**, 13 abr 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3fgSZqb>. Acesso em: 20 maio 2020.

215

DUCHÂTEL M.; GODEMENT F.; ZHU V. **Fighting COVID-19**: East Asian Responses to the Pandemic. Paris: Institut Montaigne, 2020. Disponível em: <<https://www.institutmontaigne.org/en/publications/fighting-covid-19-east-asian-responses-pandemic>>. Acesso em: 10 jun 2020.

DUNCOMBE, Constance; DUNNE, Tim. After liberal world order. **International Affairs**, v. 94, n. 1, 2018, p. 25-42.

EICHENGREEN, Barry. Sequencing RMB Internationalization. **CIGI Papers**, n. 69, 2015.

FINANCIAL TIMES (FT). Virus lays bare the frailty of the social contract. **FT Online**, 3 abr 2020. Disponível em: <https://on.ft.com/3egr5Jm>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FIORI, José Luís; SERRANO, F.; MEDEIROS, C. **O Mito do Colapso do Poder Americano**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

FIORI, José Luís. A peste, o mercado, a guerra, e a triste sina brasileira: Entrevista com José Luís Fiori. **Instituto Humanitas Unisinos**, 14 abr 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2W6NjHt>>. Acesso em: 08 jun 2020.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). **World Economic Outlook Update, June 2020**. Washington D.C.: FMI, 2020.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). IMF Datamapper. Real GDP Growth. **FMI**, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3mPwFbg>>. Acesso em: 20 de set. 2020

GAVIN, Yamey; WENHAM, Clare. The U.S. and U.K. Were the Two Best Prepared Nations to Tackle a Pandemic—What Went Wrong? **Time**, 27 abril 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2RYD99m>>. Acesso em: 14 de set de 2020.

GILPIN, Robert. **U.S. Power and the Multinational Corporation**: The Political Economy of Foreign Direct Investment. New York: Basic Books, 1975.

GILPIN, Robert. **War and change in world politics**. New York: Cambridge University Press, 1981.

GONÇALVES, Williams; TEIXEIRA, Tatiana. Trump e a inflexão da grande estratégia. **Revista tempo do mundo**, v.5, n.1, 2019, p. 178-200.

GOVINDARAJAN, Vijay; BAGLA, Gunjan. As Covid-19 Disrupts Global Supply Chains, Will Companies Turn to India? **Harvard Business Review**, 25 maio 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2W5siNy>>. Acesso em: 12 jun 2020.

GRAAFF, N.; BRINK, T. T.; PARMAR, I. China's rise in a liberal world order in transition: introduction to the FORUM. **Review Of International Political Economy**, v. 27, n. 2, 2020, p. 191-207.

216

HOBSON, J.; LAWSON, G.; ROSENBERG, J. Historical sociology. In: Denmark, R. A., (ed.) **The International Studies Encyclopaedia**. Chichester: Wiley-Blackwell and International Studies Association, 2010.

IKENBERRY, G. John. The end of liberal international order? **International Affairs**, v. 94, n. 1, 2018, p. 7-23.

IRWIN, Neil. It's the End of the World Economy as We Know It. **New York Times**, 16 abr 2020. Disponível em: <<https://nyti.ms/2Dvmuq7>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

JIN, Keyu. Is This China's Global Leadership Moment? **Project Syndicate**, 03 abr 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/38NtwCi>>. Acesso em: 20 maio 2020.

JOHN HOPKINS UNIVERSITY. Coronavirus Research Center. Mortality Analyses. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2GbjZL6>>. Acesso em: 16 de dezembro de 2020.

KANG, David C. **China Rising**: Peace, Power, and Order in East Asia. New York: Columbia University Press, 2007.

KIRSHNER, Jonathan. **American Power After the Financial Crisis**. Ithaca: Cornell University Press, 2014.

KURLANTZICK, Joshua. China thinks the pandemic will make it the world's new leader. It won't. **Washington Post**, 22 maio 2020. Disponível em: <<https://wapo.st/2ObIJDz>>. Acesso em: 18 junho 2020

KURUWITA, Rathindra. China to the Rescue in Sri Lanka. **The Diplomat**, 15 abr 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2DuLldH>>. Acesso em: 20 jun. 2020

LAKE, David. Dominance and subordination in world politics: authority, liberalism, and stability in the modern international order. In: IKENBERRY, John (org). **Power, Order, and Change in World Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

LANCASTER, Kirk; RUBIN, Michael; RAPP-HOOPER, Mira. Mapping China's Health Silk Road. **Council on Foreign Relations**, 10 abr 2020. Disponível em: <<https://on.cfr.org/2Of3eiN>>. Acesso em: 25 maio 2020.

MAHBUBANI, Kishore (2020a). **Has China Won?** The Chinese challenge to American primacy. New York: Public Affairs.

MAHBUBANI, Kishore. Kishore Mahbubani on the dawn of the Asian century. **The Economist**, 20 abr 2020b. Disponível em: <<https://econ.st/3fcHS1g>>. Acesso em: 25 maio 2020.

217 MEARSHEIMER, John J. Imperial by design. **The National Interest**, [S.l.], n. 111, p. 16-34, jan/fev 2011.

MCCORMICK, Jim. Covid crisis has accelerated big trends in China's favour. **Financial Times**, 17 set 2020. Disponível em: <<https://on.ft.com/2Gd5xCk>>. Acesso em: 25 set. 2020.

MILAN, Marcelo. A crise financeira e a hegemonia do dólar. **Austral**, v.1, n.1, 2012, p. 133-148.

MYERS, Steven L.; RUBIN, Alissa J. Its Coronavirus Cases Dwindling, China Turns Focus Outward. **New York Times**, 18 mar 2020. Disponível em: <<https://nyti.ms/321YgxW>>. Acesso em: 25 maio 2020.

NUNES, João. "A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global". **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 5, 2020, p. 1-4.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19). **OMS**, 16 fev 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZkTKch>>. Acesso em: 15 maio 2020.

PARDO, Ramon P. et al. Learning and Remembering: How East Asia Prepared for COVID-19 over the Years. **Global Policy Journal**, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3gM7SB3>>. Acesso em: 10 de jun 2020.

PAUTASSO, Diego. A China na nova arquitetura geoeconômica global e o caso do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura. **Boletim Meridiano** 47, v. 16, n. 149, 2015, p. 12-19.

PAUTASSO, Diego. Desenvolvimento e poder global da China: A política Made in China 2025. **Conjuntura Austral**, v. 8, n. 16, 2019, p. 183-198.

POSEN, Barry R. The Rise of Illiberal Hegemony. **Foreign Affairs**, abr 2018. Disponível em: <<https://fam.ag/2ZZoaj0>>. Acesso em: 08 maio 2020.

PULIPAKA, Sanjay; RATNA, Paras. COVID-19 and the mirage of a China-led international order. **Economic Times**, 28 mar 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/38Ic2al>>. Acesso em: 20 maio 2020.

RAITANO, Michele. Income Inequality in Europe Since the Crisis. **Intereconomics**, vol. 51, no 2, 2016, p. 67-72.

REUTERS. UK seeks alliance to avoid reliance on Chinese tech: The Times. **Reuters**, 28 maio 2020. Disponível em: <<https://reut.rs/3fgUbtn>>. Acesso em: 18 jun 2020.

RICHTER, Felix. China Is the World's Manufacturing Superpower. **Statista**, 18 fev 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3kM5AUC>>. Acesso em: 20 set 2020.

218 ROSENBERG, Justin. Kenneth Waltz and Leon Trotsky: Anarchy in the mirror of uneven and combined development. **International Politics**, v. 50, n. 2, 2013, p. 183-230.

ROSENBERG, Justin; BOYLE, Chris. Understanding 2016: China, Brexit and Trump in the history of uneven and combined development. **Journal of Historical Sociology**, v. 32, n. 1, 2019, p. e32-e58.

SABBAGH, Dan. Boris Johnson forced to reduce Huawei's role in UK's 5G networks. **The Guardian**, 22 maio 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2WmOFyf>>. Acesso em: 10 jul 2020.

SCHWELLER, Randall. Entropy and the trajectory of world politics: why polarity has become less meaningful. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 23, n. 1, 2010, p. 145-163.

SMIL, Vaclav. **Made in the USA: The Rise and Retreat of American Manufacturing**. Cambridge: The MIT Press, 2013.

STATISTA. Percentage added to the Gross Domestic Product (GDP) of the United States of America in 2019, by industry. **Statista**, 21 abr 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2G5hLN6>> Acesso em: 19 set 2020.

STIGLITZ, Joseph E. After Neoliberalism. **Project Syndicate**, 30 maio 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3kPPppl>> Acesso em: 18 set 2020.

STUENKEL, Oliver. **O mundo pós-ocidental**: potências emergentes e a nova ordem global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

STUENKEL, Oliver. Pandemia revela que o mundo pós-ocidental já chegou. **El País**, 06 abr 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZS3byK>> Acesso em: 06 maio 2020.

STRANGE, Susan. **States and Markets**. London: Pinter, 1988.

THE ECONOMIST. China wants to make the yuan a central-bank favourite. **The Economist**, 7 maio 2020. Disponível em: <<https://econ.st/3iPu6UB>>. Acesso em: 27 jun 2020.

TISDALL, Simon. Power, equality, nationalism: how the pandemic will reshape the world. **The Guardian**, 28 mar 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3eeyYPG>>. Acesso em: 06 maio 2020.

UEBEL, Roberto. Um novo sistema internacional vai emergir no pós-pandemia. **Nexo Jornal**, 19 maio 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZpEXgC>>. Acesso em: 20 maio 2020.

VISENTINI, Paulo F. Pandemias e Relações Internacionais: contribuição para uma análise estratégica. **NERINT**, 18 maio 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2XcdQb2>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

219 XIAOCHUAN, Zhou. Reform the international monetary system. **BIS Review**, n. 41, 2009.

YIWEI, Wang. **The Belt and Road Initiative**: What Will China Offer the World In Its Rise. Beijing: New World Press, 2016.

YONG, Ed. How the Pandemic Defeated America. **The Atlantic**, 04 ago 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3mSZfZ9>> Acesso em: 17 set 2020.

ZAKARIA, Fareed. **O mundo pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WADE, Robert. **Governing the Market**: Economic Theory and the Role of Government in East Asian Industrialization. Princeton: Princeton University Press, 1990.

WALT, Stephen. The Death of American Competence. **Foreign Policy**, 23 mar 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2OpMju5>>. Acesso em: 07 maio 2020.

WONG, Brian. China's Mask Diplomacy. **The Diplomat**, 20 mar 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3fhyk5d>>. Acesso em: 25 maio 2020.

## **COVID-19 and crisis of the liberal order: acceleration of historical time and the post-western world**

Erik Herejk Ribeiro  
Carlos Renato Ungaretti

220 **Abstract:** The study analyzes the impacts of COVID-19 pandemic on the United States' hegemonic order from the perspective of International Political Economy. It is argued that the current crisis accelerates long-term trends, marked by the systemic transition of historical capitalism. The dynamics of uneven growth point to the resurgence of East Asia, in particular China, as a dynamic pole of the world economy. The evolution of the liberal order and the post-crisis process are presented, debating the emergence of challenges and alternative models to the traditional globalization agenda. It is argued that the moment of disorder precedes the pandemic and represents the shock between different historical stages of capital accumulation. Different reactions to the COVID-19 crisis represent only symptoms of distinct models of political economy, which are evident in the contrast between the post-industrial financialization of the United States and the synergic development of productive capitalism in East Asia. The study points out that the unilateral response of Trump's administration and the relative success of Asian countries against COVID-19 accelerate two simultaneous processes: hegemonic decline and China's pursuit to present alternatives for the construction of the post-Western order.

**Keywords:** Uneven Growth. Liberal Order. Hegemonic transition. Post-Western World. COVID-19

## **COVID-19 y la crisis del orden liberal: aceleración del tiempo histórico y el mundo post-occidental**

Erik Herejk Ribeiro  
Carlos Renato Ungaretti

**Resumen:** El estudio analiza los impactos de la pandemia COVID-19 en el orden hegemónico de los Estados Unidos desde la perspectiva de la Economía Política Internacional. Se argumenta que la crisis actual acelera las tendencias de largo plazo, marcadas por la transición sistémica del capitalismo histórico. La dinámica del crecimiento desigual apunta al resurgimiento de Asia Oriental, en particular China, como un polo dinámico de la economía mundial. Se presenta la evolución del orden liberal y el proceso de erosión posterior a la crisis de 2008, debatiendo la aparición de nuevos desafíos y modelos alternativos a la agenda tradicional de globalización. Se argumenta que el momento de desorden precede a la pandemia y representa un punto de choque entre las diferentes etapas históricas de la acumulación de capital. Las diferentes reacciones a la crisis de COVID-19 representan sólo síntomas de diferentes modelos de economía política, que son evidentes en el contraste entre la financiarización postindustrial de los Estados Unidos y el desarrollo sinérgico del capitalismo productivo en Asia Oriental. El estudio señala que la respuesta unilateral de la administración Trump y el relativo éxito de los países asiáticos a COVID-19 aceleran dos procesos simultáneos: el declive hegemónico y la búsqueda de China de presentar alternativas para la construcción del orden post-occidental.

**Palabras clave:** Crecimiento desigual. Orden Liberal Transición hegemónica. Mundo post-occidental. COVID-19

Recebido em 10 de julho de 2020  
Aprovado em 21 de agosto de 2020